

O PRECONCEITO DA COR

Terminámos o nosso anterior artigo dizendo que por mais perfeita que seja a educação que aos mestiços orfãos e desamparados venha a ser ministrada, esta se mostrará improficua se não se modificar o comportamento social para com eles.

A bem sensível superioridade que se nota no mestiço que vive na metrópole e o que se conserva na sua pátria materna, e a notável diferença que se pode verificar entre os pretos das colónias que adoptam a política de assimilação e as de política segregacionista, demonstram, por forma inequívoca, a diferenciação do psiquismo criado pelo trato social para com as raças indígenas. E' que a conduta do homem depende não só das ideias e dos sentimentos de que seja imbuído desde a mais tenra idade até á adolescencia, mas tambem do procedimento que para com elle usa a sociedade em que vive.

Poderia, por ventura, o escravo ter personalidade e ser sincero? Poderemos exigir lealdade a quem tratamos com astúcia e manha?; esperar amizade de quem tratamos com soberba e arrogância?

Milhares de anos de escravidão da mulher tornou-a mentirosa, dissimulada e astuciosa a ponto de termos a sua falsidade e dissimulação como instintos orgânicos do seu sexo. Teimávamos em considerá-la intelectualmente inferior a nós, e, sob esse pretexto, fechamo-la no espaço estreito que vai da alcova á cozinha e demos-lhe como distracção e alimento do espirito o folhetim romanesco e os tratados de culinária. Hoje, não só concorrem com os homens em todos os sectores da actividade social, como se constata que elas são mais sinceras, fieis e activas ali onde os homens as tratam como igual e a sua individualidade se desenvolve, conservando-se traidoras, pérfidas e hipócritas ali onde os homens se mostram ainda autoritários, sequestradores, ciumentos e desconfiados.

Dirão que o preconceito da cor — não ódio de raças, note-se

— mantem-se nas colónias por interesse económico, para evitar a concorrência dos indígenas nas actividades dos colonos e conservar a hegemonia dos conquistadores. Mas cimenta-o a ignorância da massa, ignorância que é preciso destruir, fazendo-a compreender que a despeito da diferença de cor e de particularidades fisionómicas, de costumes e de temperamento, todos os homens no fundo se assemelham, sendo essa diferenciação o resultado do clima da influência geográfica, da sua história peculiar e do sistema de educação.

Não há raças inferiores e raças superiores. Há apenas agrupamentos de homens mais adiantados, mais instruídos, mais «civilizados» do que outros. O preto africano está ainda no estado de civilização quasi primitiva pela qual já passaram os antepassados dos povos cultos—latinos ou saxões—que hoje povoam a Europa. Durante muito tempo e até não há meio século, a Europa considerava os japoneses como raça inferior, mas estes não tardaram em revelar aptidões psicológicas que destruíram por completo a veleidade da raça branca de se supor privilegiada. Nos tempos do Império Romano, os germanos e os ingleses eram ainda povos bárbaros e assim continuaram sendo até quasi ao Renascimento. Donde nasceu o arranco, a explosão de forças que os colocou na vanguarda de todas as nações? — pergunta Pedro Sala y Villaret. «Seguramente — responde este escritor espanhol — não é a raça, pois a mesma causa produziria sempre os mesmos efeitos. Intivei necessariamente um factor novo, uma causa estranha, que lhes comunicou tão forte impulso de vitalidade: esta foi a sua revolução intelectual.»

Erram os que supõem os mestiços inferiores aos brancos. Mesmo aquêles defeitos de índole que nos parecem herdados da raça de sua mãe, são modificáveis pela educação e pelas alte-

(Continúa na pág 7)

rações do ambiente. Quem nos diz que os defeitos que em parte explicam a inimicicia da sociedade branca colonial para com elles, não são originados pelo instinto de defesa contra a depreciação de que se sentem alvo?

As muito sensíveis diferenças físicas, fisionómicas e psicológicas que existem entre as classes pobres e as abastadas fizeram com que a classe dominante do feudalismo se atribuísse uma superioridade inata sobre a plebe. Veiu a democracia, e a burguesia continuou supondo que os pobres viviam na miséria porque a sua inferioridade ingénita era a causa dessa sua condição social. O estudo do Homem por meio da observação e da experiência, baseado nas investigações realizadas em laboratórios de fisiologia e de antropologia, concluiu porém, que o estado de inferioridade mental e física, a que as classes pobres chegaram, não é causa mas sim efeito da miséria, que o meio é o autor das deformações e deficiências que nelas se encontram.

O mesmo se dá com os mestiços: os caracteres fisiológicos e psicológicos que nos parecem ser do facto do cruzamento de duas raças, da estrutura do individuo, são apenas caracteres funcionais criados e moldados pela influência de condições de vida, de educação, instrução e da atmosfera social que os rodeia.

São estas razões comezinhas que nos levam a ter como impraticável toda a pretensão ou intento de melhorar a mestiçagem, de aperfeiçoar o seu carácter, enquanto, previamente, nos não dispuzermos a estender-lhe cordealmente a mão fraterna. E' que, sem essa disposição simpática, que ha-de provir da consciencia da parte de responsabilidade que no seu modo-de-ser nos cabe, neutralizados serão os esforços da colonização, por mais sinceros e bem intencionados que sejam, em sobrelevar a mestiçagem, fundindo-a, pela educação, no mesmo molde da alma do europeu.

sentido moderno e utilitário que este ilustre homem público sabe pôr sempre no que pensa e em tudo quanto realiza.

Sabendo-se quem é, de onde veio e para onde vai, pôde-se garantir que o Sr. eng. Duarte Pacheco, ao assumir o cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa, deu alegria, e alegria que é confiança cega, a todos os municípios.

Concorrem diversas razões e qualidades para impôr a figura do actual presidente no município. O seu conhecimento directo do concelho, em todos os aspectos; a inteligente penetração dos problemas que atormentam os diversos sectores, sob os pontos de vista urbano, higiénico e cultural; e uma visão larga, renovadora, de actualização de todas as necessidades. De todos os lados, em todos os pontos, finalmente, o Sr. eng. Duarte Pacheco era, na verdade, o homem que, por muito bem conhecer e amar Lisboa, se encontrava mais indicado para gerir os seus negócios municipais.

O acerto da actividade a tornar em prontas realizações pelo Sr. eng. Duarte Pacheco já ficou bem afirmado na primeira reunião do Município em princípios desta semana, durante a qual apontou as diversas medidas, consideradas como necessárias, para pôr de pé a máquina administrativa, que deve funcionar, num critério amplo, mas dentro do principio de que tudo se deve realizar pelo concelho e nada contra o concelho.

Num discurso sereno, revelando ideias seguras e arrumadas, disse o activo orientador da vida municipal, que embora haja muito a fazer, tudo se fará calmamente, eficazmente, sem iludir interesses e reclamações, começando pelo mais urgente, mas sem esquecer, na hora própria, a vez de tudo quanto mereça ser atendido.

Que ninguém duvide, que ninguém hesite em aceitar como palavras dignas, como promessas que serão fielmente cumpridas, as considerações do Sr. eng. Duarte Pacheco. Enérgico, decidido, é um homem que não mente a si próprio nem áqueles que o escutam. Rodeiam-no fiéis e dedicados colaboradores. A sua gerência — tudo o indica — vai redundar numa época de grande florescimento concelhio.

Comissariado do Desemprego

Segundo os mapas estatísticos publicados pelo Boletim do Comissariado do Desemprego, relativo ao período de Julho a Setembro do ano findo, inscreveram-se nesses meses, no Comissariado 1.401 novos desempregados: 664 em Julho; 556 em Agosto; e 181 em Setembro. Em 30 deste ultimo mês somavam esc. 59.249.732\$85 (5) as importancias dispendidas pelo Comissariado do Desemprego para remuneração de trabalhos publicos. A parte relativa a 1937, até aquella data, estava representada pela verba de 10.232.838\$38 (5).

Numeros fornecidos pelo Boletim permitem-nos ainda verificar que até Se-

os con-
sempre-
Aveiro,
807\$38;
gança
anco.,
.614\$48;
548\$14;
Leiria,
.747\$46,
to. esc.
.476\$27;



Dr. Teoto

Na Capital do Norte

Meditemos breves minutos sobre este acontecimento:

Os diários de Lisboa e Porto gritavam, quasi até fins da semana passada, que, em Vila Nova de Gaia, ia à praça a casa de trabalho de Soares dos Reis, célebre mestre da nossa escultura. Tratando-se de um verdadeiro monumento, pela dominante e indiscutível razão de haver sido dentro dessas quatro paredes que o egrégio artista criara as mais notáveis obras, entre elas, a destacar, o «Desterrado» e a «Morte de Adonis» — levantou-se a esperança de que, ou o município gaense, ou alguns capitalistas portuenses — amadores de arte, adquirissem esse prédio. Seria esperar muito? Não. Orgulha-se bem justificadamente todo o Norte da obra vasta e genial de Soares dos Reis, para que pudessemos admitir (e melhor seria dizer exigir) a justificação concreta dessa simpatia, ou melhor, dessa adoração.

Foram ingénuas, porém, essas vee-

ecimer

menagem ao Do

do o seu nobre

a vida de trabo

cos-escolares da 2.^a área, declarou:

— A Saúde Escolar é mais do que um grémio profissional, um grémio de almas, tão unidas pelo ideal comum que eu sinto bem, na comoção deste momento, a vibração de simpatia, de amoroso carinho com que em toda a mi-



nha área o nome do sr. dr. Ser-
ras e Silva é, neste momento,
lembrado.

«Este sentimento de aprêço,
envolve um aspecto especial, de-
rivado da feição muito particular
da sua influência nos nossos espí-
ritos.

«Não é a admiração fria, em-
bora profunda, que se tributa aos
que do alto da cátedra expõem,
distantes e transcendentales, as con-
cepções mais altas da ciência
pura.

«No ilustre mestre todos nós
prezamos, mais do que o sábio
cuja cultura especial e geral tão
brilantemente profundou os mais
variados domínios da ciência, o
alto espírito que soube dar tão
eficaz impulso à obra profun-
damente humana de formar Homens

O PRECONCEITO DA COR

Terminámos o nosso anterior artigo dizendo que por mais perfeita que seja a educação que aos mestiços orfãos e desamparados venha a ser ministrada, esta se mostrará improficua se não se modificar o comportamento social para com eles.

A bem sensível superioridade que se nota no mestiço que vive na metrópole e o que se conserva na sua pátria materna, e a notável diferença que se pode verificar entre os pretos das colónias que adoptam a politica de assimilação e as de politica segregacionista, demonstram, por forma inequivoca, a diferenciação do psiquismo criado pelo trato social para com as raças indigenas. E que a conduta do homem depende não só das ideias e dos sentimentos de que seja imbuído desde a mais tenra idade até á adolescencia, mas tambem do procedimento que para com elle usa a sociedade em que vive.

Poderia, por ventura, o escravo ter personalidade e ser sincero? Poderemos exigir lealdade a quem tratamos com astúcia e manha?; esperar amizade de quem tratamos com soberba e arrogância?

Milhares de anos de escravidão da mulher tornou-a mentirosa, dissimulada e astuciosa a ponto de termos a sua falsidade e dissimulação como instintos orgânicos do seu sexo. Teimavamos em considerá-la intelectualmente inferior a nós, e, sob esse pretexto, fechamo-la no espaço estreito que vai da alcova á cozinha e demos-lhe como distracção e alimento do espirito o folhetim romanesco e os tratados de culinária. Hoje, não só concorrem com os homens em todos os sectores da actividade social, como se constata que elas são mais sinceras, fieis e activas ali onde os homens as tratam como igual e a sua individualidade se desenvolve, conservando-se traidoras, pérfidas e hipócritas ali onde os homens se mostram ainda autoritários, sequestradores, ciumentos e desconfiados.

Dirão que o preconceito da cor — não ódio de raças, note-se

— mantem-se nas colónias por interesse económico, para evitar a concorrência dos indigenas nas actividades dos colonos e conservar a hegemonia dos conquistadores. Mas cimenta-o a ignorância da massa, ignorância que é preciso destruir, fazendo-a compreender que a despeito da diferença de cor e de particularidades fisionómicas, de costumes e de temperamento, todos os homens no fundo se assemelham, sendo essa diferenciação o resultado do clima da influencia geográfica, da sua história peculiar e do sistema de educação.

Não há raças inferiores e raças superiores. Há apenas agrupamentos de homens mais adiantados, mais instruídos, mais «civilizados» do que outros. O preto africano está ainda no estado de civilização quasi primitiva pela qual já passaram os antepassados dos povos cultos—latinos ou saxões—que hoje povoam a Europa. Durante muito tempo e até não há meio século, a Europa considerava os japoneses como raça inferior, mas estes não tardaram em revelar aptidões psicológicas que destruíram por completo a veleidade da raça branca de se supôr privilegiada. Nos tempos do Império Romano, os germanos e os ingleses eram ainda povos bárbaros e assim continuaram sendo até quasi ao Renascimento. Donde nasceu o arranco, a explosão de forças que os colocou na vanguarda de todas as nações? — pergunta Pedro Sala y Villaret. «Seguramente — responde este escritor espanhol — não é a raça, pois a mesma causa produziria sempre os mesmos efeitos. Inteveiu necessariamente um factor novo, uma causa extranha, que lhes comunicou tão forte impulso de vitalidade: esta foi a sua revolução intelectual.»

Erram os que supõem os mestiços inferiores aos brancos. Mesmo aquêles defeitos de indole que nos parecem herdados da raça de sua mãe, são modificáveis pela educação e pelas alte-

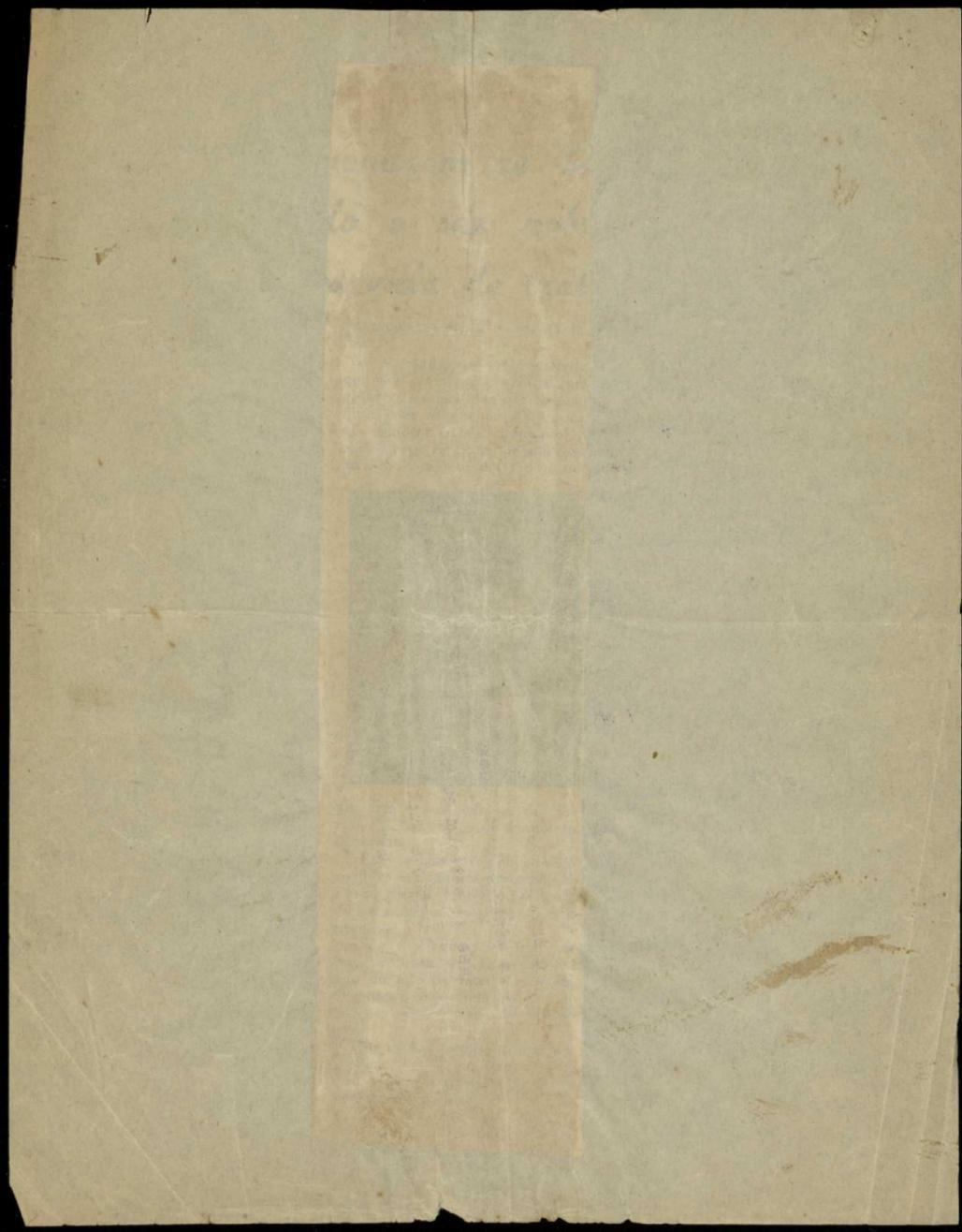
Na Capital
do Norte

rações do ambiente. Quem nos diz que os defeitos que em parte explicam a inimicicia da sociedade branca colonial para com elles, não são originados pelo instinto de defesa contra a depreciação de que se sentem alvo?

As muito sensíveis diferenças físicas, fisionómicas e psicológicas que existem entre as classes pobres e as abastadas fizeram com que a classe dominante do feudalismo se attribuisse uma superioridade inata sobre a plebe. Veiu a democracia, e a burguesia continuou supondo que os pobres viviam na miséria porque a sua inferioridade ingénita era a causa dessa sua condição social. O estudo do Homem por meio da observação e da experiência, baseado nas investigações realizadas em laboratórios de fisiologia e de antropologia, concluiu porém, que o estado de inferioridade mental e física, a que as classes pobres chegaram, não é causa mas sim efeito da miséria, que o meio é o autor das deformações e deficiências que nelas se encontram.

O mesmo se dá com os mestiços: os caracteres fisiológicos e psicológicos que nos parecem ser do facto do cruzamento de duas raças, da estrutura do individuo, são apenas caracteres funcionais criados e moldados pela influência de condições de vida, de educação, instrução e da atmosfera social que os rodeia.

São estas razões comezinhas que nos levam a ter como impraticável toda a pretensão ou intento de melhorar a mestiçagem, de aperfeiçoar o seu carácter, enquanto, previamente, nos não dispuzermos a estender-lhe cordalmente a mão fraterna. E' que, sem essa disposição simpática, que ha-de provir da consciência da parte de responsabilidade que no seu modo-de-ser nos cabe, neutralizados serão os esforços da colonização, por mais sinceros e bem intencionados que sejam, em sobrelevar a mestiçagem, fundindo-a, pela educação, no mesmo molde da alma do europeu.



PROTECCO DOS MULATOS ORFOS E DESAMPARADOS

IV

Terminamos o nosso anterior artigo dizendo que por mais perfeita que seja a educação que aos mestiços orfãos e desamparados venha a ser ministrada, esta se mostrará improfiqua se não se modificar o comportamento social para com eles.

A bem sensível superioridade que se nota no mestiço que vive na metropole e o que se conserva na sua patria maternal; e notavel differença que se pode verificar entre os pretos das colonias que adoptam a politica de assimilação e as de politica segregacionista, demonstram, por forma inequivoca, a differença de psiquismo criado pelo trato social para com as raças indígenas. É que a conduta dos homens depende não só das ideias, de que sejam imbuidos desde a mais tenra idade até á adolescencia, mas tambem da influencia do procedimento que para com elle usa a sociedade em que vive.

Pede, por ventura, e escreve ter personalidade e ser sincero? Poderemos exigir lealdade e quem tratamos com estuica e mansa? esperar amizade de quem tratamos com soberba e arrogancia?

Milhares de annos de escravizão da mulher tornou-a mentirosa, dissimulada e astuciosa a ponto de termos a sua falsidade e dissimulação como instinctos organicos do seu sexo. Teimavamos em

te que vai da alcova á cozinha e demora-las como diabolico e aliamento do espirito *Phallos* ~~mas~~ e os tratados de culinaria. Hoje, não só concorrem com os homens em todas as sectores da actividade social, como se constata que ellas são mais sinceras, fideis e activas ali onde os homens as tratam como igual e a sua individualidade se desenvolve, conservando-se traideras, perfidas e hipocritas ali onde os homens se mostram ainda autoritarios, ciumentos e desconfiados.

Diz-se que o preconceito de cor - não esse de racas, notavel - manter-se nas colonias por interese economico, para evitar a concorrência dos indigenas nas actividades dos colonos e conservar a hegemonia dos conquistadores. Mas omento-se a ignorancia da massa social, ignorancia que é preciso destruir, fozendo-a compreender que a despeição da differença de cor e de particularidades fisioeconomicas, de costumes e de equiparamento, todos os homens no fundo se assemelham sendo essas differenças o resultado de clima, de influencia geographica e de historia peculiar e do sistema de educação.

